

CPM GERIN
BIBLIOTECA

Jornal
Correio da Bahia

Data
07.09.96

Caderno
Aqui São Paulo

Página
6

Seção

Assunto
Bairro

Vitória é morada predileta da elite



Desde o século passado, época dos ingleses, residir no bairro sempre foi sinônimo de 'status'

Maurício Sotto Maior

Engarrafamentos, falta de estacionamento, além de ser um local quase impossível de se encontrar algum apartamento 'baratinho' para alugar. Mas basta um breve passeio debaixo das seculares árvores que adornam o Corredor da Vitória e é fácil compreender o porquê do lugar ser considerado uma das moradas preferidas das elites baianas desde o século passado. Morar na Vitória sempre deu status. Os primeiros moradores foram os ingleses, que ocuparam aquela encosta em direção à Barra, fugindo da 'vidinha besta' dos muros que cercavam a cidade do Salvador. Depois, chegaram os grandes comerciantes e fazendeiros, que ergueram verdadeiros palácios, tal qual os barões do café fizeram na Avenida Paulista, em São Paulo. Hoje, a elite encastelada da Vitória convive com uma vizinhança menos favorecida e com os problemas decorrentes do inchaço populacional, porém não perde a pose nem o charme daqueles que já mandaram na Bahia.

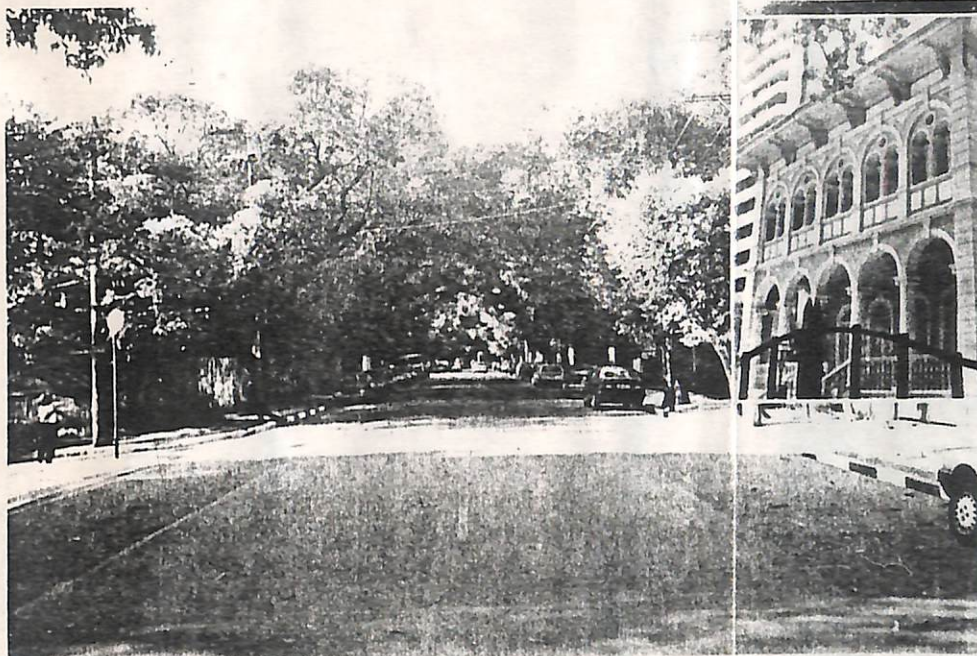
"O Corredor da Vitória não é só um dos locais mais históricos de Salvador. É um dos melhores pontos da cidade e um dos pólos geradores de cultura. Aqui nós estamos próximos do Teatro Castro Alves, cinemas, das escolas de Belas Artes, Teatro, Dança e da Extensão Cultural da UFBA", lembra o diretor do Instituto Goethe, Holland Schaffner, fazendo questão de dizer que o Icba não sai da Vitória por motivo algum. "O nosso público é o universitário e estamos muito bem localizados", explica, apesar de admitir que os problemas com o tráfego e com o estacionamento estão aumentando. "Nós temos um estacionamento, mas quando inaugurarem o novo Colégio Apoio, a situação de tráfego vai piorar".

Mansões - Com o passar dos anos o Corredor da Vitória foi se transformando num dos principais corredores de tráfego da cidade, mas ainda guarda características

predominantemente residenciais. Os primeiros prédios a tomar o lugar dos casarões foram o Marte e o Apolo XXVIII. Hoje existem construções da imponência do condomínio, Mansão Carlos Costa Pinto, com apartamentos com piscina e teleférico para a praia, e novas mansões continuam a ser erguidas. "A época de ouro da Vitória começou no Século XIX e se estendeu até a década de 60", comenta a diretora do Museu de Arte da Bahia, Sylvia Maria Menezes de Athayde, que chegou a fazer um levantamento dos casarões locais.

Ela conta que o casarão da família Joaquim Fernandes Dias deu lugar ao Victore Tower; a mansão dos Costa Pinto virou escola; o palacete de Francisco Pedreira hoje abriga o Museu Carlos Costa Pinto e toda a área onde morava a família Magalhães deu lugar ao conjunto de edificações do Icba até o Acbeu. "A especulação imobiliária foi cruel com a Vitória. Casarões magníficos foram colocados abaixo, da noite para o dia, para dar lugar aos espigões", lamenta Sylvia Maria, que também já perdeu as contas do número de vezes que teve que brigar com o pessoal da prefeitura que providencia a poda das centenárias árvores do Corredor da Vitória. "Eles promovem verdadeiros crimes para o Carnaval".

Há 11 anos que Marinalva Moraes Lima, 45, reside na casa de número 266 do Corredor da Vitória. Os prédios de alto luxo, os casarões seculares, a vizinhança prestigiada como fina flor da sociedade baiana, no entanto, não fazem parte de sua vida. Ela e seus sete familiares sobrevivem como podem nas ruínas de um antigo casarão, sob a constante ameaça de despejo e presenciando os efeitos da especulação imobiliária na Vitória. "Tudo está virando prédio. Nem direito mais ao mar nós temos porque as praias são particulares", comenta, segurando no colo a neta Grazielle de 11 meses. Ela reclama dos preços locais - "o pão aqui custa o dobro" - mas, no fundo, considera a Vitória um ótimo local para morar. "A Vitória é perto de tudo, até da escola dos meninos", comenta.



Sede de institutos culturais

As culturas estrangeiras sempre estiveram muito presentes no Corredor da Vitória. No século passado, os casarões chegavam a ostentar em suas fachadas as bandeiras que representavam a origem de seus proprietários. Nos dias de hoje, os valores e o desenvolvimento intelectual de outras civilizações ainda formam uma das marcas registradas da Vitória. A maior prova disso é que foi naquele corredor, na década de 60, que a Associação Cultural Brasil Estados Unidos (Acbeu) e o Instituto Cultural Brasil Alemanha/Instituto Goethe (Icba) encontraram um porto seguro para suas atividades. Desde então, o baiano teve seus horizontes ampliados através dos seminários, peças de teatro, cinema, exposições de artes plásticas, bibliotecas, além das melhores estruturas de ensino das línguas inglesa e alemã no estado.

O Acbeu chegou primeiro, em 1959, mas a sede só foi concluída em 1973. Já o Icba ficou a bandeira alemã em solo baiano em 1962. Apesar de instituições concorrentes a proposta de ambos é a mesma: promover a cultura de seus países de origem e ampliar a parceria cultural entre brasileiros, norte-americanos e alemães. "Nas salas de aula do Acbeu passam 2.650 alunos por semestre. Nós temos uma biblioteca com 9.300 títulos no total, teatro para 438 pessoas com uma das melhores acústicas e iluminação da cidade e um Centro de Aprendizagem Autônoma, com o que existe de mais novo em informática", pontua Dilson Midlej, coordenador cultural do Acbeu.

QUEM/Sylvia Maria Menezes de Athayde

Visitas de cortesia



Diretora do Museu de Arte da Bahia, Sylvia de Athayde conheceu a história da Vitória em sua própria casa

Que muitos sabem através dos livros de história, Sylvia Maria Menezes de Athayde conheceu através das histórias que ouvia em casa. Moradora da Vitória desde que nasceu, a diretora do Museu de Arte da Bahia cresceu visitando os salões dos casarões da Vitória em tardes de chá, acompanhando a avó. "Meus avós chegaram na Vitória em 1910 e eu conheci o corredor sem prédio algum, somente os casarões. Toda a Vitória era uma grande família e era muito comum os moradores passarem as tardes em visitas de cortesia", lembra, comentando que cada casa tinha uma culinária que a destacava das demais. Porém, a menina se interessava mais pelos mobiliários e os grandes salões de festa.

"Eu ficava muito curiosa em saber como eram os salões por dentro. Eles só eram abertos nas noites de festa, permanecendo fechados e misteriosos durante toda a semana", comenta Sylvia Maria, lembrando do fantástico efeito causado pelo rico mobiliário que conheceu. "Um dia eu consegui entrar num daqueles salões e vi uma gaiola dourada com um pássaro negro empalhado. Dei corda e o pássaro começou a abrir o bico e a cantar. Não foi à toa que me tornei museóloga". Hoje, Sylvia Maria trabalha no maior e mais imponente casarão da Vitória. "Até o início da década de 60, os casarões povoaram o Corredor da Vitória, inclusive muitos casarões da primeira geração. Hoje tudo está se acabando. É de fazer chorar".

O bairro da Vitória, reduto predileto da elite soteropolitana, se destaca pelas árvores centenárias e casarões imponentes que ainda resistem no local

CURIOSIDADES

■ Quem conheceu, mesmo que através de pintura, os belos casarões da primeira geração do Corredor da Vitória nunca poderia imaginar que muitos deles foram construídos com uma técnica rudimentar e bastante conhecida pela população carente de Salvador. Apesar das fachadas maravilhosas, as paredes eram erguidas através da técnica do adobe. Os construtores trançavam a madeira e assentavam pequenos blocos semelhante ao tijolo, preparado com argila crua e misturado com palha, secada ao sol para se tornar mais resistente.

■ Fazer manobras em veículos, pelo estreito Corredor da Vitória, é uma tarefa difícil desde o século passado. Esta, por sinal, foi uma grande preocupação do comerciante de escravos José Cerqueira Lima, o riquíssimo proprietário do palacete que hoje abriga o Museu de Arte da Bahia. Ele mandou fazer uma rótula bem em frente ao seu casarão para facilitar as manobras de sua carruagem. Mais de um século se passou, o asfalto chegou à Avenida Sete de Setembro e os automóveis tomaram conta das calçadas, mas o que restou da rótula de manobra continua ajudando os motoristas da cidade.

■ A vista marítima do Corredor da Vitória é um dos metros quadrados mais caros de Salvador de hoje. Porém, já foi desprezada pelos proprietários dos antigos casarões que construíam suas residências inteiramente voltadas para a rua. O uso e o ordenamento do solo do Corredor da Vitória, no século passado, não privilegiavam o lado do mar devido ao forte calor do sol poente que incomodava, de sobremaneira, as elites euro-baianas. Ironicamente, a vista que hoje é disputada pela nova aristocracia baiana era privilégio dos escravos e demais serviços, que tinham seus quartos e áreas de circulação voltados para o mar.